

História do MARGS e de seu prédio

Sumário

1. Apresentação	3
<hr/>	
2. Marcos legais	5
<hr/>	
3. A criação do MARGS	6
<hr/>	
4. As primeiras sedes	9
<hr/>	
5. O prédio da Praça da Alfândega	11
<hr/>	
6. Direções do MARGS	16
<hr/>	

1. Apresentação

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul — MARGS é uma instituição museológica pública de tipologia artística, da Secretaria de Estado da Cultura do RS – Sedac.

Sua missão é preservar e promover o patrimônio artístico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul, colecionando, pesquisando e difundindo a história da arte e a memória visual-artística em diálogo com a produção e o pensamento em artes visuais e a educação pela arte.

O MARGS é o principal museu de arte do Estado do Rio Grande do Sul e um dos mais importantes do país. Foi criado em 1954, no contexto da constituição de museus de arte no Brasil. Ocupando inicialmente o segundo andar do Theatro São Pedro, desde 1978 o Museu funciona no atual prédio histórico da Praça da Alfândega de Porto Alegre, projetado pelo arquiteto alemão Theo Wiederspahn, originalmente para abrigar a Delegacia Fiscal, a partir da década de 1910.

A principal finalidade do MARGS é colecionar, conservar, documentar, estudar e divulgar os seus Acervos Artístico e Documental, além de proporcionar produção de conhecimento, difusão de conteúdos e experiências inclusivas e enriquecedoras a partir da arte. Para isso, realiza exposições, publicações, ações e uma programação educativa, artística e cultural.

O Acervo Artístico reúne obras de arte desde o passado até os dias atuais, abrangendo o academismo, a arte moderna e as diferentes linguagens contemporâneas das artes visuais (pintura, escultura, gravura, cerâmica, desenho, arte têxtil, fotografia, instalação, objeto, performance, arte digital, vídeo, filme e design, entre outras). É composto por arte brasileira, com ênfase na produção de artistas do Rio Grande do Sul, e também por obras de artistas estrangeiros.

O Acervo Documental conta com uma importante coleção bibliográfica sobre artes visuais e história da arte, além de coleções de documentos e arquivos sobre a história institucional, o meio de artes visuais e a atuação de artistas e agentes do sistema artístico sul-rio-grandense, sendo referência para a memória e a pesquisa. Ambos os acervos

estão catalogados e são difundidos de modo permanente por exposições, pesquisas curatoriais, projetos editoriais, programas educativos e públicos, além de empréstimos temporários em colaboração com projetos de outras instituições. Os acervos também estão digitalizados e disponíveis para consulta em meio online.

Articulado a museus e instituições do Brasil e exterior, o MARGS proporciona sustentação a projetos nacionais e internacionais. Sendo desde sua criação um agente decisivo na dinamização do circuito cultural, em décadas recentes têm apresentado exposições de grande importância e desenvolvido projetos educativos e curatoriais de relevante contribuição para os públicos e o campo artístico e intelectual.

O histórico de atuação do Museu é marcado por iniciativas tanto de avaliação, legibilidade e compreensão do passado e da memória artística, como de difusão e legitimação de novas manifestações e tendências artísticas. Durante os anos 1950-60, ocupou-se da recepção das vertentes modernas e a compreensão do passado artístico; nos 1970-80, da simultaneidade das práticas artísticas contemporâneas e da tradição consagrada; nos anos 1990 e 2000, do aprofundamento disso com a Bienal do Mercosul e exposições externas itinerantes; e nas décadas de 2010 e 2020, de maior adensamento curatorial sobre o passado artístico e a arte do presente e quanto a políticas de aquisição e de exposições.

O MARGS conta com sistema de climatização (controle de temperatura e umidade) em suas reservas técnicas e espaços expositivos, além de Facility Report, oportunizando a conservação adequada das obras de seu Acervo Artístico e das obras em exibição provenientes de empréstimos temporários de outros museus, instituições e coleções.

Além de integrar a estrutura da Secretaria de Estado da Cultura, o Museu conta com o apoio da sua Associação dos Amigos – AAMARGS, instituição sem fins lucrativos que tem como objetivo oferecer suporte e sustentabilidade às realizações e à qualificação do MARGS.

2. Marcos legais

O MARGS foi criado pela lei nº 2.345, de 29 de janeiro de 1954, e regulamentado pelo decreto nº 5.065, de 27 de julho de 1954.

Pertence à 1ª Região Museológica do Rio Grande do Sul, com cadastro junto ao Sistema Estadual de Museus – SEM/RS e registro junto ao Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, sob número 5.10.07.4260.

Desde 1978, o Museu localiza-se na Praça da Alfândega, no Centro Histórico de Porto Alegre, ocupando um prédio construído para ser a Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e cujo uso pelo MARGS foi regulamentado pelo Decreto nº 73.789, de 11 de março de 1974.

A edificação é reconhecida como de interesse público por seu valor histórico-arquitetônico e foi tombada em nível estadual em 1983, pela então Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural do Estado (DPHIC).

O tombamento foi inscrito em 30/06/1983, sob o nº 22, no Livro do Tombo Histórico. A portaria de tombamento foi a de nº 04/83, de 20/06/1983, retificada através da portaria nº 03/84, de 01/08/1984, publicada no Diário Oficial do Estado de 16/08/1984, e ratificada pela portaria nº 01/85, de 11/07/1985, publicada no Diário Oficial do Estado de 05/08/1985.

Em nível federal, o prédio foi tombado em 2002 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como integrante do sítio histórico das Praças da Matriz e da Alfândega.

3. A criação do MARGS

Nos anos 1950, Porto Alegre era uma cidade de porte médio cujas atividades urbanas se adensavam e que já dispunha de uma vida cultural. Além das salas de cinema, cafés e confeitarias, no centro funcionam espaços culturais como a Biblioteca Pública, o Museu Julio de Castilhos, o Auditório Araújo Vianna e o Theatro São Pedro.

No campo das artes plásticas e visuais, a primeira instituição de ensino artístico formal havia sido criada em 1908, o Instituto Livre de Belas Artes, inicialmente com o Conservatório de Música e, a partir de 1910, com a Escola de Arte. Nesse momento, começou a ser formado o acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, inaugurada em 1943.

Em 1938, fora criada a Associação Francisco Lisboa, aglutinando artistas independentemente da formação, constituindo-se como uma alternativa e mesmo contraponto à hegemonia e ao academismo do Instituto.

Até os anos de 1950, exposições de arte em Porto Alegre eram promovidas em espaços adaptados, alguns envolvendo comércio de obras, entre eles Casa Jamardo, Studio Os 2, Casa das Molduras, galeria-auditório do Correio do Povo, Estúdio Haar, Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano (ICBNA), Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), Clube da Chave, Galeria do Clube de Gravura e Aliança Francesa.

A criação do MARGS, com o objetivo de preservar e divulgar o patrimônio artístico e cultural do Estado e inseri-lo nas tendências da época, atendia aos anseios do meio político-cultural e da comunidade artística do Rio Grande do Sul. Essa origem se dá em um contexto de institucionalização com a criação de diversas instituições de arte no Brasil, em sequência a importantes fundações no final dos anos 1940, como dos Museus de Arte Moderna de São Paulo (1948), do Rio de Janeiro (1948) e de Florianópolis (1949), além da própria Bienal de São Paulo (1951). Entretanto, a denominação “museu de arte moderna”, então em voga sobretudo desde a fundação do MoMA de Nova York em 1929, não acompanha a formulação do nome do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que segue o caso mais próximo e semelhante ao do Museu de Arte de São

Paulo — MASP (1947). Ao contrário de outros museus, que são constituídos quando já existe uma coleção reunida à espera de organização e institucionalização, o MARGS é fundado sem acervo inicial ou sede própria.

Criado no Governo Estadual de Ernesto Dornelles (então PTB, depois de sair do antigo PSD), o MARGS tem sua origem na reforma administrativa do Estado do Rio Grande do Sul, que instituiu em 1954 a Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura (SEC), pasta que tinha à frente como secretário o advogado José Mariano de Freitas Beck. Até então, o Estado contava com apenas três instituições culturais: os já mencionados Museu Julio de Castilhos, Biblioteca Pública e Theatro São Pedro.

Com o objetivo de expandir a atuação do Estado no setor cultural, é então criada a Divisão de Cultura, tendo como diretor o professor Ênio de Freitas e Castro. Ela é subdividida em três diretorias – de Ciências, de Letras e de Artes –, as quais ficam responsáveis pelo gerenciamento das instituições já existentes e pela implantação de novas, como o Instituto Estadual do Livro, a Discoteca Pública e o MARGS. Para assumir a Diretoria de Artes e a direção do recém-criado Museu de Arte, é convidado o artista e professor Ado Malagoli (1906-1994).

Em 1956, com a eleição de Ildo Meneghetti (PSD) e a mudança de Governo no Estado do RS, Liberato Salzano Vieira da Cunha, antes deputado estadual e que colaborou na Assembleia para a aprovação da lei de criação da Divisão de Cultura em 1954, assume a SEC substituindo José Mariano de Freitas Beck.

Malagoli permanece à frente do MARGS e da Diretoria de Artes até 1959. Paulista de Araraquara e pintor com atuação reconhecida no sudeste do país, havia se radicado em Porto Alegre em 1952, incentivado pelo pintor, crítico e professor Angelo Guido, passando a trabalhar como professor de pintura no Instituto de Belas Artes (IBA), atual Instituto de Artes da UFRGS. Formado pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e pela Escola Nacional de Belas Artes e tendo atuado no Núcleo Bernardelli, Malagoli também trazia em sua bagagem conhecimentos nas áreas de museologia, restauração e história da arte, contando no currículo com estudos em restauração com Edson Motta, o mais importante restaurador brasileiro à época, e em museologia realizados em temporada nos Estados Unidos.

Sob o comando de Ado Malagoli e assistência técnica das artistas e professoras Christina Balbão (1917-2007) e Alice Soares (1917-2005), o Museu passa os seus anos iniciais sendo estruturado. A orientação imprimida por Malagoli tinha como propósito atualizar o circuito artístico local por meio da

constituição de um acervo composto por prioridades regionais e nacionais, incluindo artistas então contemporâneos, e da realização de exposições destacando nomes históricos e atuantes.

Para isso, inicialmente reúne obras que se encontravam dispersas em repartições governamentais, como o Palácio Piratini e a Biblioteca Pública, faz aquisições por meio de compra de marchands e colecionadores particulares, inclusive em São Paulo e Rio de Janeiro, instituiu salões com Prêmio Aquisição e, quase em exceção, aceita doações.

Nesse conjunto inicial, são contempladas tendências artísticas desde o academismo e o pré-moderno até as vertentes modernistas, em um arco histórico do século 19 à metade do século 20, notadamente de artistas brasileiros, incluindo a produção de artistas gaúchos, além de estrangeiros, sobretudo franceses. Algumas dessas obras figuram entre as mais afamadas e emblemáticas do MARGS, a exemplo de “A dama de branco” (1906), de Arthur Timótheo da Costa, e “Almofada amarela” (1923), de Leopoldo Gotuzzo.

Colecionar arte tanto do passado como do presente é algo que acompanha a história das aquisições do MARGS desde seu início até hoje, o que acaba por apontar para uma temporalidade que confere um perfil à tipologia do Museu e de seu acervo.

A exposição de estreia realizada pela instituição, intitulada “1ª Exposição de arte brasileira contemporânea”, ocorre em 1955, na Casa das Molduras, quando o MARGS ainda não dispunha de uma sede. Essa mostra não só marcou a estreia pública das atividades do MARGS, como foi o evento que serviu para divulgar que o recém-criado Museu estava em preparativos e com o acervo sendo constituído.

Durante esse período inicial, já havia a previsão de o Museu ser instalado provisoriamente no segundo andar do Theatro São Pedro, onde se planejava guardar o acervo e apresentar exposições com a adaptação do espaço, o que aconteceria somente em 1957.

4. As primeiras sedes

O MARGS ocupou diferentes espaços em Porto Alegre. Administrativamente, funciona de 1954 até 1957 na sede da então Divisão de Cultura, situada em uma construção já demolida nas imediações da Praça Dom Feliciano.

Em 1957, é inaugurada a sede provisória do Museu no foyer do Theatro São Pedro, após restauração do espaço e adaptação às necessidades museológicas da época. O acontecimento é marcado por uma retrospectiva do artista gaúcho Pedro Weingärtner (1853-1929), sendo também expostas as primeiras pinturas adquiridas para o acervo que vinha sendo constituído. Na mesma ocasião, Angelo Guido, falando sobre a obra do artista homenageado, inicia um ciclo de palestras visando despertar, no público porto-alegrense, o interesse pelas artes plásticas.

O papel atualizador acompanha já as primeiras exposições temporárias apresentadas — que discutiam a modernidade no Brasil, as novas possibilidades de expressão, resgatavam áreas negligenciadas como os ditos primitivos e a arte sacra —, assim como os ciclos de palestras, abordando temas como o colecionismo, a legitimação das vanguardas e o sistema institucional da arte.

Nas décadas de 1950 e 1960, além de exibir seu acervo em formação, o MARGS também traz artistas de renome que representam tendências modernas da arte brasileira. São destaques as exposições de Candido Portinari, em 1958, e Di Cavalcanti, em 1964, que atraem público e ajudam a consolidar a presença do Museu no circuito de arte local.

Em 1973, o Theatro São Pedro é fechado devido ao estado de conservação do prédio, entrando em reforma. O MARGS é transferido para uma nova sede, no Edifício Paraguay da Avenida Salgado Filho.

A partir dessa época, o Museu passa a documentar sistematicamente as suas atividades, iniciando a publicação de um Boletim Informativo. Também amplia os setores técnicos de trabalho, profissionalizando a estrutura e a rotina administrativa. O acervo do Museu permanece sendo ampliado

entre as décadas de 1950 a 1970, através de doações de artistas e de particulares, além de aquisições por compra e prêmio. Também são transferidas para guarda do MARGS mais obras de órgãos públicos, como Biblioteca Pública, Arquivo Histórico e Palácio Piratini.

Em 1974, é publicado o primeiro Catálogo Geral das Obras (1954-1974), catalogando parcialmente os mais de 200 itens do acervo.

5. O prédio da Praça da Alfândega

Também em 1974, o MARGS recebe autorização para ser instalado no prédio da então Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, na Praça da Alfândega, no Centro Histórico de Porto Alegre. A transferência do Museu, porém, só ocorre em 1978, tendo à frente Luiz Inácio de Medeiros, que o dirigia desde 1975.

Com área de 4.855 m², o edifício foi construído entre 1913 e 1916, compondo um conjunto arquitetônico com o prédio dos Correios e Telégrafos, ambos situados na Praça da Alfândega, separados pela Avenida Sepúlveda.

De tipologia neoclássica, o imponente edifício do MARGS fora encomendado à firma do engenheiro Rudolph Arhons, profissional responsável por inúmeras mudanças urbanas em Porto Alegre no início do século XX. O arquiteto principal foi Theo Wiederspahn, tendo como assistente Alexandre Gundlach. Os ornamentos foram realizados pela oficina de escultura de João Vicente Friederichs, destacando-se entre os ornamentistas Victorio Livi e Franz Radermacker. As esculturas ficaram a cargo do escultor Alfred Adloff.

Em 1916, a Delegacia Fiscal se instala no prédio, apesar de ainda não estar concluído, devido à falta de materiais que não haviam chegado da Europa em consequência da I Guerra Mundial. Em 1922, são finalizadas as coberturas dos torreões (as quatro torres situadas no terraço) com revestimento em cobre e efetuado o calçamento do passeio em torno do prédio. Em 1933, a necessidade de manutenção do edifício exige a execução de obras e melhorias, entre elas a impermeabilização do terraço, novas instalações hidráulicas e a instalação do elevador. Em 1941, ocorre nova impermeabilização do terraço e a recuperação das coberturas de cobre dos torreões.

Segundo o artista e professor Fernando Corona, “as quatro fachadas são harmoniosas em seu estilo neoclássico que precedeu o barroco. Poder-se-ia denominá-lo neorrenascentista alemão”. Já o professor e pesquisador Günter Weimer considera que no prédio do MARGS, “embora a linguagem exterior acompanhe a tendência cada vez mais dinâmica da composição arquitetônica de um ecletismo à

procura de sua independência das formas históricas, o espaço interno demonstra a profunda influência do proto-modernismo europeu”.

Para a transferência do MARGS em 1978, são realizadas reformas para que os espaços e seus usos se adaptem às necessidades do Museu. São também instalados filtros de luz nas janelas, lâmpadas especiais e equipamentos para medição da umidade ambiental.

Em setembro do mesmo ano, é realizado um leilão de obras de arte com o objetivo de angariar fundos para o Museu. Na ocasião, é constituída a Comissão de Amigos. A iniciativa e o grupo formariam o embrião da Associação dos Amigos — AAMARGS, criada em 1982 e que segue apoiando a sustentabilidade e a qualificação da operação e das atividades do Museu.

A inauguração da nova sede do MARGS ocorre em 26 de outubro de 1978, com uma exposição do acervo, a “Mostra do desenho gaúcho” e o “III Salão de cerâmica”. Parte do acervo sobre papel é apresentada em salas com revestimento preto que, a partir daí, passam a ficar conhecidas como Salas Negras. Também é lançado o “Catálogo Geral de Obras”, sucedendo a publicação de 1974, relacionando agora mais de 600 obras.

Com a transferência para o prédio da Delegacia Fiscal, o MARGS ganha maior visibilidade e projeção, encontrando um importante espaço para o desenvolvimento de suas funções e objetivos junto à sociedade. Também incrementa as edições de seu Boletim Informativo com artigos e entrevistas, transformando-o em uma publicação especializada em arte.

Os anos 1980 marcam a ampliação e a qualificação do MARGS. O Museu promove exposições de repercussão nacional, como “Iberê Camargo: trajetória e encontros” (1985), realizada em cooperação com a Fundação Nacional de Artes — Funarte e cumprindo itinerância pelo Museu de Arte de São Paulo — MASP, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro — MAM Rio e Galeria do Teatro Nacional de Brasília, celebrando Iberê como o maior pintor vivo do Brasil. Outro destaque é o salão nacional “Caminhos do desenho brasileiro” (1986), que gera grande repercussão sobre a validade dos salões e seus júris.

Em 1982, o MARGS assume a guarda provisória dos acervos de arte da Prefeitura de Porto Alegre. Um deles é a coleção da Pinacoteca Aldo Locatelli, com obras adquiridas pela municipalidade desde o século 19, tendo sido oficializada em 1974. A outra é a coleção da Pinacoteca Ruben Berta, criada em 1967 e assumida pela prefeitura em 1971. Ambos os acervos permanecem com o MARGS até 2008. Nos anos 1990, o Projeto

Aquisição marca uma importante iniciativa voltada ao acervo do Museu, proporcionando aquisições de obras de destacados artistas gaúchos. Na mesma década, o MARGS também realiza ações e atividades com o Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVi).

O Prêmio Internacional Parceria de Museus 1993-95, da Associação Americana de Museus, proporciona o intercâmbio entre o MARGS e o Madison Children's Museum, programa desenvolvido em várias etapas sobre arte-educação, intitulado "Gralha azul: meio ambiente e arte".

Ainda na década de 1990, o Museu inicia um programa de preparação de voluntários da AAMARGS para realizar visitas guiadas para escolas, embrião das visitas mediadas que depois seriam assumidas pelo setor educativo do Museu e a equipe de arte-educadores.

Entre o final de 1996 e início de 1998, o prédio passa por um profundo trabalho de reforma, motivado pelo seu estado de deterioração. Com a recuperação e o restauro completos do prédio, envolvendo também a instalação de sistema de climatização e equipamentos expositivos atualizados, o MARGS passa a contar com estrutura de maior excelência quanto à operação museológica, alavancando a expansão de suas atividades no cenário nacional e mesmo internacional. A pré-estreia do Museu reformado ocorre em 1997, com a 1ª Bienal do Mercosul.

No final dos anos 1990, também é estruturado o setor de Conservação e Restauro, tornando o MARGS um exemplar de museu no Estado com equipe própria responsável pelas boas práticas de conservação e restauração voltadas aos acervos.

A primeira década do século XXI é marcada pela apresentação de exposições vindas de fora. Com o prédio restaurado e contando com sistema de climatização, o MARGS passa a participar do circuito de mostras itinerantes em voga naquele momento, recebendo inclusive obras de acervos estrangeiros, como as mostras "Florença: Tesouros do Renascimento" (2000), "Paris 1900 — Na coleção do Petit Palais" (2002) e "Arte na França 1860-1960: O realismo" (2006).

Em 2001, a história do MARGS, o acervo e o seu prédio são temas de um dos livros da coleção Museus Brasileiros, patrocinada pelo Banco Safra e dedicada às principais instituições museológicas do Brasil, juntamente ao Museu Nacional de Belas Artes, o Museu de Arte de São Paulo, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e os Museus de Arte Moderna

do Rio e de São Paulo. Em 2005, por ocasião dos 50 anos do Museu comemorados no ano anterior, é lançada a publicação “MARGS 50 anos — 1954 a 2004”, composta por 3 volumes reunindo textos históricos, ensaios críticos, depoimentos, fotografias de época, seleta de textos publicados anteriormente pelo Museu e traduções para o inglês e espanhol.

Novas ações de manutenção e recuperação do prédio ocorrem entre 2006 e 2007, envolvendo a fachada externa e o terraço.

Na década de 2010, o MARGS retoma a prioridade ao seu acervo, atuando pela sua ampliação e realizando exposições próprias, desenvolvendo curadorias a partir de seu quadro profissional e especializado, ao mesmo tempo qualificando a atuação do setor educativo.

Em 2012, com projeto financiado pelo Programa Caixa de Apoio ao Patrimônio Cultural Brasileiro, o Acervo Artístico do MARGS é digitalizado, envolvendo ainda a sua reorganização. O trabalho resulta também em um novo Catálogo Geral, relacionando desta vez quase 3.000 obras do acervo. Em 2015, o Museu passa a disponibilizar o acervo digitalizado em seu site.

A partir de 2019, dá-se prosseguimento à linha de atuação voltada à qualificação do Museu e à priorização do seu acervo, com o objetivo de aprofundar os compromissos e valores do MARGS com relação às suas responsabilidades enquanto museu. É reiterado o perfil de instituição museológica voltada à história da arte e à memória visual artística em diálogo com a produção e o pensamento em artes visuais e a educação pela arte. E que a principal finalidade do Museu é colecionar, conservar, documentar, estudar e divulgar os seus Acervos Artístico e Documental, além de proporcionar produção de conhecimento, difusão de conteúdos e experiências inclusivas e enriquecedoras a partir da arte.

Ao final de 2020, ainda durante a pandemia mundial da Covid-19, é iniciada uma nova reforma do Museu, envolvendo três melhorias de preservação e segurança: adequação ao Plano de Prevenção e Proteção contra Incêndio (PPCI), substituição total do sistema de climatização e restauração arquitetônica da parte superior do histórico prédio (terraço, claraboia e os quatro torreões). A fachada externa também passa por melhorias, com restauração e pintura. As reformas são finalizadas no segundo semestre de 2022.

Em 2021, é implementada a digitalização do Acervo Documental do MARGS, no repositório Taicanan, em projeto financiado pelo Fundo de Embaixadores para Preservação Cultural (Ambassadors’ Fund for Cultural Preservation – AFCP), por meio

do Consulado Geral dos EUA em Porto Alegre. Desse modo, o MARGS passa a ter os seus dois acervos — o Artístico e o Documental — digitalizados e disponibilizados para consulta em meio online.

Em maio de 2024, durante a grande enchente de Porto Alegre, o MARGS é parcialmente inundado pela entrada das águas do Guaíba no Centro Histórico. Apesar das ações preventivas e em virtude do grande volume de água que se acumulou na Praça da Alfândega — no interior do prédio, a altura chegou a 2 metros de altura —, a enchente alaga o térreo da instituição, impactando diretamente o seu mobiliário, equipamentos, documentos administrativos e obras do acervo, a maior parte do segmento em papel, entre gravuras, fotografias e desenhos. A estrutura operacional do Museu no térreo é igualmente comprometida (computadores, equipamentos, mobiliários, recursos e materiais de trabalho e exposições). E ainda partes das instalações elétrica, hidráulica, de lógica, telefonia, do sistema de climatização e do circuito interno de câmeras.

O MARGS é reaberto em dezembro de 2024 em pleno momento de recuperação, restabelecendo o prédio e suas funcionalidades, além das obras de arte do acervo afetadas, dentro de um plano de trabalho previsto para prosseguir nos próximos anos, ao longo de um processo de requalificação do Museu.

6. Direções do MARGS

- Ado Malagoli (1954 a 1959)
- Glênio Bianchetti (1960 a 1962)
- Francisco Stockinger (1963 a 1964)
- Carlos Scarinci (1964 a 1967)
- Francisco Stockinger (1967)
- Gilberto Morás Marques (1968 a 1972)
- Antônio Hohlfeldt (02/1972 a 06/1972)
- Armando Almeida (07/1972 a 02/1973)
- Flávio Rocha (03/1973 a 11/1973)
- Kurt G. Schmeling (12/1973 a 03/1974)
- Plínio César Bernhardt (04/1974 a 04/1975)
- Luiz Inácio Franco de Medeiros (05/1975 a 03/1979)
- Jader Siqueira (05/1979 a 09/1980)
- Roberto Valfredo Bicca Pimentel (10/1980 a 03/1983)
- Eveyn Berg loschpe (04/1983 a 03/1987)
- Vasco Prado, Carlos Scarinci e Mirian Avruch (04/1987 a 07/1988)
- Mirian Avruch (07/1988 a 02/1991)
- Albano Volkmer (03/1991 a 11/1993)
- Ernani Behs (12/1993 a 1994)
- Romanita Disconzi (1995 a 1996)
- Paulo César Brasil do Amaral (1997 a 1998)
- Fábio Luiz Borgatti Coutinho (1999 a 2002)
- Paulo César Brasil do Amaral (2003 a 2007)
- César Prestes (2007 a 2010)
- Gaudêncio Cardoso Fidelis (2011 a 2014)
- Paulo César Brasil do Amaral (2015 a 2018)
- Francisco Eduardo Coser Dalcol (2019 – atual)